

ESCRavidÃO E DialÉTICA: A FIGURA DO ESCRAVO NO MÊNON DE PLATÃO E NA FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO DE HEGEL

ESCLAVAGE ET DIALECTIQUE: LA FIGURE DE L'ESCLAVE DANS LE MENON DE PLATON ET DANS LA PHÉNOMÉNOLOGIE DE L'ESPRIT DE HEGEL

Germano RIGACCI JUNIOR
Faculdade de Filosofia – PUC-Campinas

RESUMO

O propósito do texto é, ao comparar o escravo, como personagem do diálogo Mênon de Platão e como parte da dialética da consciência de si na Fenomenologia do Espírito, mostrar a diferença entre a recordação e a rememoração.

Palavras-chave: escravo, dialética, recordação, rememoração, Platão e Hegel.

ABSTRACT

The intention of the text is, when comparing the slave, as personage of the Plato's dialogue Menon and as part of the dialectic of the conscience of itself in the Phenomenology of the Spirit, show the difference between the memory and the remembering.

Key-words: slave, dialectic, memory, remembering, Plato and Hegel.

Nosso propósito é estabelecer uma comparação entre o escravo, conforme apresentado no diálogo platônico *Mênon*, e tal como aparece na dialética do senhor e do escravo desenvolvida na seção consciência de si da *Fenomenologia do Espírito* de Hegel. A reflexão a respeito do tema da escravidão, quer seja sob o aspecto histórico, quer seja sob o aspecto social, está além da nossa intenção. O que pretendemos mostrar é que ao escravo de *Mênon* cumpre a tarefa de provar, através da experiência maiêutica, a tese de que conhecer é recordar. Enquanto que a consciência escrava tem a tarefa de efetivar a dialética do reconhecimento, por meio da disciplina e do trabalho.

O resultado disso é que num caso, o escravo recorda as idéias que já se encontram na sua alma. No outro, a consciência escrava produz o mundo da cultura, o mundo daquilo que permanece e possibilita a rememoração no processo de formação cultural. Isso revelará, finalmente, concepções distintas da dialética e a diferença entre a *anamnese* a *Erinnerung*.

I - O ESCRAVO NO DIÁLOGO MÊNON

Em Platão, a dialética se revela como método ascendente e descendente para captar os nexos

entre as idéias.¹ Na *República*, a dialética é: "... o que conduz ao princípio absoluto, parte da hipótese, e, dispensando as imagens que havia no outro, faz caminho só com auxílio das idéias". Continua, Platão: "Aprende então o que quero dizer com o outro segmento do inteligível, daquele que o raciocínio atinge pelo poder da dialética, fazendo das hipóteses não princípios, mas hipóteses de fato, uma espécie de degraus e de pontos de apoio, para ir até aquilo que não admite hipóteses, que é o princípio de tudo, atingindo o qual desce, desce fixando-se em todas as consequências que daí decorrem, até chegar à conclusão, sem servir em nada de qualquer dado sensível, mas passando das idéias umas às outras e terminando em idéias."²

A dialética ascendente e descendente, caminho da *epistême*, é exposta na *República*, obra do Platão maduro. Nossa atenção concentra-se, entretanto, em outra obra; *Mênon*. Trata-se de um diálogo escrito pelo Platão jovem, cujos personagens são; Sócrates, Mênon, o escravo de Mênon e Anito. Aí, a *epistême* é *anamnese*, ou seja, a ciência é recordação. Mênon, inicia o diálogo, em busca de uma definição sobre se a virtude pode ou não ser ensinada? Sócrates estimula o diálogo, conduzindo-o a novas aporias, até propor outra questão; o que é a virtude? Após tentar quatro definições de virtude sem sucesso, Mênon propõe a seguinte aporia a Sócrates: "De que procurarás aquilo que não sabes absolutamente o que és? Pois procurarás que tipo de coisas, entre as coisas que não conheces? Ou, ainda que, no melhor dos casos, a encontres, como saberás que isso que encontraste é aquilo que não conhecias."³ Responde, Sócrates: "Compreendo que tipo de coisas queres dizer, Mênon. Vês quão erístico é esse argumento que estás urdindo: que, pelo visto, não é possível ao homem procurar nem o que conhece nem o que não conhece? Pois nem procuraria aquilo precisamente que conhece - pois conhece, e não é de modo algum preciso para um tal homem a procura - nem o que não conhece - pois nem se quer sabe o que deve procurar."⁴

A superação dessa aporia leva a idéia de que o conhecimento é *anamnese*. Conhecer é recordar o que existe desde sempre no interior da alma. Platão mostra isso de duas maneiras. A primeira, inspirando-se nas doutrinas órfico - pitagóricas, expõe que; "sendo então a alma imortal e tendo nascido muitas vezes, e tendo visto tanto as coisas que estão aqui quanto as que estão no Hades, enfim todas as coisas, não há o que não tenha aprendido; de modo que não é nada de admirar, tanto com respeito à virtude quanto aos demais, ser possível a ela rememorar aquelas coisas justamente que já antes conhecia."⁵

Dado que aquilo que se sustenta no mito tem um valor alegórico, o diálogo prossegue com a segunda maneira de mostrar que conhecer é recordar. Platão desenvolve uma experiência maiêutica, como prova da tese proposta. Sócrates interroga o escravo de Mênon, que não recebeu educação alguma, mas é capaz de falar o grego, condição para o desenvolvimento desta experiência. Vale destacar que o escravo aparece como um qualquer, mas que tem na sua alma verdades, que sempre estiveram aí. Exatamente por ser admitido no diálogo como um qualquer, o escravo é fundamental para a prova de que as idéias se encontram na alma humana, faz-se necessário encontrar o caminho para rememorar-las. Mênon observará o diálogo entre Sócrates e o escravo e poderá, então, constatar se este rememora ou aprende uma idéia de geometria. O problema colocado ao escravo, por Sócrates, consiste em saber como duplicar a superfície do quadrado, dado que um de seus lados corresponde a um certo número de unidades de superfície, que são proporcionais ao lado. O escravo, que no início julga saber algo, afirma que duplicando o lado duplica-se a superfície. A afirmação está incorreta. Sócrates, mostra isso, propondo ao escravo uma aporia.⁶ Em seguida, chama a atenção de Mênon para o que está se passando: "Está te dando conta Mênon de que no início o escravo não sabia qual era linha da superfície de oito pés, como tampouco agora ainda

(1) G. REALE. *História da Filosofia antiga*. Vol. V, p. 74

(2) PLATÃO, *República*, 510 b, 511b.

(3) PLATÃO, *Mênon*, 80 d

(4) *Ibidem*, 80 e

(5) PLATÃO, *op. cit.*, 81 c

(6) *Ibidem* 82 b - 83 e

sabe. Mas o fato é que então acreditava, pelo menos, que sabia e respondia de maneira confiante, com quem sabe, e não julgava estar em aporia. Agora porém já julga estar em aporia, e, assim como não sabe, tampouco acredita que sabe.”⁷

Ciente de que não sabe, o escravo manifesta prazer, então, em procurar a resposta, o que não tinha anteriormente, pois acreditava saber algo e falava com propriedade sobre isso. Sócrates, neste momento do seu diálogo com o escravo, mostra a *Mênon* que o escravo descobrirá a uma saída para a aporia, através da interrogação das suas opiniões e não, por meio, do ensino e das explicações. O escravo busca dentro de si a resposta ao problema. Encontra a resposta correta. A diagonal do quadrado dado é a linha sobre a qual deverá ser construído o segundo quadrado para ser o dobro do primeiro. A demonstração dessa resposta supõe o teorema de Pitágoras, que o escravo desconhece.

Sem receber qualquer lição de geometria, o escravo por si mesmo chega a resposta correta do problema matemático. Ele tira de si mesmo a resposta, com o auxílio de Sócrates. Tira de si, aquilo que estava esquecido na sua alma. Tira a idéia do esquecimento, torna-a visível. Como ninguém lhe ensinou geometria, afirma Sócrates: “se, então, tanto durante o tempo em que ele for quanto durante o tempo em que não for um ser humano, deve haver nele opiniões verdadeiras, que, sendo despertadas pelo questionamento, se tornam ciências, não é por todo o sempre que sua alma será uma alma que já tinha aprendido? Pois é evidente que é por todo o tempo que ele existe ou não existe como ser humano. (...) E se a verdade das coisas que são está sempre na nossa alma, a alma deve ser imortal, de modo que aquilo que acontece não saberes agora - e isto é aquilo de que não te lembras - é necessário, tomando coragem, tratares de procurar e de recordar.”⁸

O escravo, no diálogo *Mênon*, oferece, portanto, ao se submeter a experiência maiêutica, uma prova de fato, de que todo homem pode tirar do esquecimento a idéia verdadeira que desconhecia, pois possui uma alma imortal e dotada de verdades, não apreendidas na vida atual. Prova, também, a

afirmação de que a *epistême* é recordação e de que a diferença entre os indivíduos encontra-se no maior ou menor conhecimento das idéias latentes. Destaca F. M. Cornford que; “segundo *Mênon* todo o conhecimento poderá ser recuperado desta forma. Toda a realidade tem um carácter afim: a estrutura da verdade constitui um único sistema coerente, cujas partes estão ligadas entre si pela necessidade lógica. A recuperação de um único elo de ligação é o suficiente para levar o espírito à descoberta sem limites de novas verdades”⁹.

Enfim, a descoberta que o escravo faz, por meio da maiêutica das idéias matemáticas latentes em sua alma, não lhe possibilita o trânsito pela dialética ascendente e nem pela dialética descendente. Tampouco se transforma em homem livre (*o eleútheros*) com direito a palavra na assembléia dos cidadãos. Resta-lhe, por isso, voltar ao seu mudo trabalho escravo no *oikos* (ordem doméstica), como um bem pertencente ao senhor *Mênon*, pois o saber conquistado, não o elevou a condição de cidadão e membro da *pólis*.

II - A DialÉTICA DO SENHOR E DO ESCRAVO

A passagem mais conhecida e discutida da *Fenomenologia do Espírito* de Hegel é a que trata da dialética da independência e dependência da consciência-de-si. Essa dialética surge na 2ª parte da *Fenomenologia*: “A consciência-de-si”, que tem um capítulo apenas: “A verdade da certeza de si mesmo”. O capítulo divide-se em; introdução e duas partes. Essas intitulam-se respectivamente: “Independência e dependência da consciência-de-si” e “Liberdade da consciência de si: estoicismo, ceticismo e consciência infeliz”.

O momento da consciência de si resulta das experiências feitas no momento da consciência, que lhe precede no itinerário dialético da *Fenomenologia*, e cujas figuras são a certeza sensível, a percepção e o entendimento. Nestas experiências, o verdadeiro revelou-se como algo outro e distinto da consciência. No entendimento, encontramos a dialética do jogo das forças: solicitante e solicitada.

⁷ PLATÃO, 84 b

⁸ *Ibidem*, 86 a-b

⁹ F.M. CORNFORD, *Principium Sapientiae*, p. 88-89.

No nível da consciência de si, inicialmente, é a própria consciência que se desdobra e se opõe a si mesma. O problema do reconhecimento é central nesta parte da obra. A consciência de si não é para-si sem ser para outra consciência de si. Ou seja, neste momento ela não pode se encerrar na tautologia; “eu sou eu”.

Antes de chegar a dialética do senhor e do escravo, o movimento dialético da consciência de si incorpora a dialética do desejo e a dialética da consciência duplicada. Ao desejar algo, a consciência de si não encontra a sua identidade na abstração do “eu penso”, mas na diferença que mantém com o seu objeto, que, neste momento, é uma outra consciência de si viva. Surge, desta dialética, o conceito da consciência-de-si, que Hegel assim expõe:” a) o puro “Eu” indiferenciado é seu primeiro objeto imediato; b) mas essa imediatez mesma é absoluta mediação: é somente com o suprassumir do objeto independente; ou seja, ela é desejo. A satisfação do desejo é a reflexão da consciência de si sobre si mesma, ou a certeza que veio a ser verdade; c) mas a verdade dessa certeza é antes a reflexão redobrada, a duplicação da consciência-de-si.”¹⁰

A dialética da consciência de si duplicada desenvolve-se em três momentos. No primeiro, a consciência de si tem diante dela outra consciência de si. São dois termos o eu e o outro, ela encontra o seu ser no outro. “Isso tem uma dupla significação, afirma Hegel, primeiro, a consciência de si se perdeu a si mesma(..). Segundo, com isso ela suprassumiu o outro, pois não vê o outro como essência, mas é a si mesma que vê no outro.”¹¹ No segundo, a consciência de si suprassume o seu ser no outro. De acordo com Hegel; “(...) primeiro, deve proceder a suprassumir a outra essência independente, para assim vir a ser certeza de si como essência; segundo, deve proceder a suprassumir a si mesma, pois ela mesma é esse outro.”¹² Finalmente, ao suprassumir a si mesma como outro, retorna a si e se torna igual a si mesma.

À procura de reconhecimento, as consciências-de-si travam entre si uma luta de vida

e de morte. O resultado dessa luta é a desigualdade entre elas. A consciência de si que arriscou a própria vida, provou ser para si independente e livre da vida imediata. Aquela que evitou o risco total da própria vida, tornou-se ser para o outro, ou seja, uma consciência dependente. “Ambos os momentos são essenciais - diz Hegel -; porém como de início são desiguais e opostos, e ainda não resultou sua reflexão na unidade, assim os dois momentos são como duas figuras opostas da consciência: uma, a consciência independente para a qual o ser para-si é a essência; outra, a consciência dependente para a qual a essência é a vida, ou o ser para um outro. Uma é o senhor, outra é o escravo.”¹³

A luta entre as consciências-de-si não levou ao aniquilamento de nenhuma delas. Contudo, a consciência escrava, por temer a outra, o senhor, abandona o seu desejo de reconhecimento. Reconhece ao outro como o seu senhor e se mostra como aquele que deseja tão somente conservar a sua vida. Essa dialética contém três movimentos: a dominação, o medo e a cultura.

a) Dominação

O movimento da dominação parte da posição que se encontra o senhor; como uma consciência - para - si desenvolvida. O senhor pode se relacionar, imediata ou mediatamente, com a coisa em geral e com o escravo. Com esses três elementos, Hegel desenvolve dois modos de dominação. No primeiro, o senhor domina o escravo, pois domina aquilo em relação ao qual permanece preso: coisa. No segundo modo, efetiva-se a verdadeira dominação. O senhor domina a coisa, pela mediação do seu domínio sobre o escravo. O escravo nega a coisa, transforma-a em bens para o consumo e fruição do senhor.

Desses modos de dominação, o resultado é que o senhor é reconhecido por uma consciência escrava, que como tal é uma consciência inessencial. O agir da consciência escrava é inessencial, pois o que faz é o próprio agir do senhor. Este encontra a certeza de ser para si numa consciência inessencial. Por isso, diz Hegel, o senhor: “não está certo de ser

⁽¹⁰⁾ G.W.F.HEGEL. *Fenomenologia do Espírito*, p. 125.

⁽¹¹⁾ *Ibidem*, p. 126.

⁽¹²⁾ G.W.F.HEGEL. *Fenomenologia do Espírito*, p. 126.

⁽¹³⁾ G.W.F. HEGEL. *Fenomenologia do Espírito*, p. 130

para si como verdade, mas sua verdade é de fato a consciência inessencial e o agir inessencial dessa consciência”¹⁴

b) Medo

Visto o que é a escravidão nestes modos de dominação, é importante destacar que a consciência escrava é consciência de si, que encontra a sua verdade numa consciência independente. O senhor, inicialmente, é a essência para o escravo. O escravo teme a sua essência, sente-se ameaçado pela morte. “Essa consciência - afirma Hegel - sentiu a angústia, não por isto ou aquilo, não por este ou aquele instante, mas sim através da sua essência toda, pois sentiu o medo da morte, do senhor absoluto. Aí se dissolveu interiormente, em si mesma tremeu em sua totalidade; e tudo que havia de fixo, nela vacilou.”¹⁵

O medo da morte fez com que a consciência escrava experimentasse, de um lado, a dissolução de tudo o que era parte de seu universo, e, de outro, a aderência ao ser aí natural. O escravo não se transformou em animal porque desenvolve a consciência de si por meio do serviço e do trabalho. O medo é abandonado pelo serviço prestado ao senhor. Mas será pela mediação do trabalho que a consciência escrava retorna a si mesma. O P.J. Labarrière: “o trabalho permite à consciência assegurar o seu poder sobre o mundo e dissolver o seu medo numa única operação com dois componentes; prova a si mesma que o mundo não é uma substância “ estranha”, e dá efetividade histórica - reconhecida - à negatividade absoluta que reside nela como consciência-de-si.”¹⁶

c) A cultura

Hegel constata que o temor é o início da sabedoria¹⁷. Sabedoria que se desenvolve no processo de formação (Bildung). Com o serviço e o trabalho, o escravo domina a coisa e, com isso,

alcança a consciência de ser ele mesmo em-si e para-si. O senhor reservou a si o consumo daquilo que resultou do trabalho do escravo. “Mas essa satisfação - observa Hegel - é pelo mesmo motivo, apenas um evanescente, já que lhe falta o lado objetivo ou o subsistir. O trabalho, ao contrário, é desejo refreado, um desvanecer contido, ou seja o trabalho forma. A relação negativa para com o objeto torna-se a forma do mesmo e algo permanente, porque justamente o objeto tem independência para o trabalhador.”¹⁸ O senhor limitado ao consumo e isento do trabalho, vai se tornando cada vez mais dependente da natureza e do escravo. A sua satisfação é apenas evanescente. Enquanto o escravo, pelo seu agir formativo (desejo refreado), produz a obra que permanece, que lhe possibilitará alcançar a consciência de si como ser independente. Portanto, neste processo o senhor acaba se tornando escravo do escravo, e o escravo, senhor do senhor. Essa inversão é possível pelo operar formador, isto é, o trabalho que educa. “A pedagogia de Hegel - destaca J.H. dos Santos - é uma pedagogia do trabalho e da disciplina; a verdadeira transformação do mundo está no trabalho e na educação pelo trabalho, (...), que se põe no elemento da permanência através da repressão do consumo.”¹⁹

A consciência escrava que no início estranhava a si mesma (“fremder Sinn), ao experimentar o medo, a disciplina e o trabalho, encontrou a si e se transformou em seu próprio sentido (eigner Sinn). A angústia diante do medo da morte e o penoso processo de formação permitem a consciência escrava ser para si independente e se tornar a verdade do senhor. No formar da coisa, a consciência escrava chega a consciência de ser ela mesma em si e para si. A forma exteriorizada não é algo distinto da consciência, mas é o seu ser para si, que na exteriorização vem a ser a sua verdade. Por meio do trabalho, a consciência escrava reencontra a si mesma e vem a ser o sentido próprio.²⁰

O escravo, portanto, transforma a sua negatividade essencial em negatividade criadora da

¹⁴ G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*, p. 131.

¹⁵ G.W.F. HEGEL. *Fenomenologia do Espírito*, p. 132.

¹⁶ P.J. LABARRIÈRE. *La Fenomenologia del Espíritu de Hegel*, p. 150

¹⁷ G.W.F. HEGEL. *Fenomenologia do Espírito*, p. 132..

¹⁸ *Ibidem*, p.132.

¹⁹ J.H.SANTOS. *Trabalho e Riqueza na Fenomenologia do Espírito de Hegel*, p. 93

²⁰ G.W.F. HEGEL. *Fenomenologia do Espírito*, p. 133.

história.²¹ A negatividade essencial é aqui trabalho, concebido como desejo refreado e agir formativo. A história, por isso não pertence ao senhor guerreiro, mas ao escravo trabalhador, que transforma o mundo e se forma, por meio de seu trabalho. Ao retardar o consumo do objeto que produz, ao reprimir os seus desejos e ao dar forma a coisa, o escravo se transcende e se cultiva. “A consciência que trabalha - afirma A. Kojève - chega assim a uma tal contemplação do Ser-dado autônomo que ela contempla a si mesma. O produto do trabalho é a obra do trabalhador. É a realização de seu projeto, de sua idéia: é ele portanto que se realizou nesse e por esse produto, e ele contempla a si mesmo ao contemplar o produto.”²² O trabalho escravo, ao criar a realidade humana e objetiva, ou seja, a cultura, é a garantia do progresso histórico.

O que expusemos acima possibilita certa compreensão da seguinte afirmação que faz Hegel, Prefácio, escrito após a conclusão da obra: “Se o embrião é de fato homem em si, contudo não o é para si. Somente como razão cultivada e desenvolvida - que se faz a si mesma o que é em si - é homem para si; só essa é sua efetividade.”²³ Compreendemos, então, que o cultivo da razão humana inicia-se com o momento do medo e do serviço em geral e segue com o momento do formar. Ambos momentos são necessários. Assim o cultivo da razão, que não passa pelo medo absoluto primordial, acaba em mero capricho e adquire um sentido próprio e vazio.

Portanto, a formação do escravo ensina-o a não se deter na singularidade egoísta da sua vontade natural. Enquanto o senhor permanece preso ao seu egoísmo e ao gozo, o escravo realiza a passagem de uma vontade singular e contingente para uma vontade racional e universal. Produz algo que permanece e adquire independência fora de si como obra. Somente o escravo pode negar o que é e produzir aquilo que não é: uma consciência autônoma e livre. Alcançará isso, transformando o mundo que o fixa na sujeição em um mundo em que será livre.²⁴

III - CONCLUSÃO

As considerações feitas a respeito do escravo, personagem do diálogo platônico, e da consciência escrava, momento da dialética da consciência-de-si, revelaram diferenças quanto as características e situação de cada uma delas em seus respectivos textos. O escravo de Mênon é um jovem, um qualquer, que resiste em ter ciência de que não sabe. Sua função é a de ser a prova da tese de que ter ciência é recordar, e que isso é possível porque se supõe a alma como imortal. Realizada a prova, o diálogo entre Mênon e Sócrates prossegue, e o escravo retorna às suas tarefas. Com a consciência escrava, tal como a concebe Hegel não se passa o mesmo. Ela, sob o temor e a angústia da morte, serve ao senhor, ao mesmo tempo, que transforma a natureza e produz a sua formação. A sua obra permanece sob a forma de uma interiorização cumulativa. Para Hegel só há rememoração (*Erinnerung*) do que foi interiorizado através da formação cultural, a verdadeira natureza do espírito. A comparação entre o escravo de Mênon e a consciência escrava da Fenomenologia pode indicar a diferença que há entre a dialética platônica e a dialética hegeliana. Em Platão, a dialética é ascensional, pois abandona o sensível, o contraditório, o contingente e o múltiplo, para contemplar aquilo que é idêntico em si mesmo e existe por si mesmo. Em Hegel, a dialética não abandona a realidade que se constitui como uma trama de contradições. Ela enfrenta a dor, a paciência e o trabalho do negativo. Somente no final do movimento dialético haverá a negação da negação, a suprassunção de toda a realidade. Finalmente, embora o escravo do diálogo *Mênon*, desprovido de formação e ignorante, tivesse alcançado o conhecimento de idéias da geometria, sem o auxílio da experiência, ele não se tornou um homem livre, um cidadão. Na *Fenomenologia*, o escravo desenvolve a sabedoria a partir da angústia diante do medo absoluto que lhe provoca o senhor. Sabedoria que se ampliará com o processo de formação do escravo, que para Hegel, tem de

⁽²¹⁾ P.J.LABARRIÈRE, *op. cit.*, p. 152

⁽²²⁾ A. KOJÈVE. *Introdução a leitura de Hegel*, 27-28.

⁽²³⁾ G.W.F.HEGEL. *Fenomenologia do Espírito*, p. 31.

⁽²⁴⁾ Cf. KOJÈVE, *op. cit.*, p.30-31.

culminar na efetivação de uma comunidade constituída de indivíduos livres, que desenvolvem o mútuo reconhecimento.

BIBLIOGRAFIA

1. CORNFORD, F. M. **Principium Sapientiae**. Lisboa: F.C. Gulbenkian, 1981.
2. HEGEL, G. W. F. **Phänomenologie des Geistes**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1980.
3. HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito**, Vol. I. Trad. Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 1992.
4. HYPPOLITE, J. **Genèse et structure de la Phénoménologie de l'Esprit de Hegel**. Paris: Éditions Mouton, 1974.
5. KOJÈVE, A. **Introduction à la lecture de Hegel**. Paris: Editions Gallimard, 1947.
6. _____ **Introdução a leitura de Hegel**, trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. UERJ, 2002.
7. LABARRIÈRE, P. J. **Structures et mouvement dialectique dans la Phénoménologie de l'Esprit de Hegel**. Paris: Edition Aubier Montaigne, 1968.
8. **La Fenomenologia del Espíritu de Hegel - Introduccion à una lecture**. México: Fondo de Cultura Económica, 1985.
9. PLATÃO. **Mênon**. Trad. Maura Iglésias. São Paulo: Loyola, 2001.
10. _____ . **A República**. Trad. Maria H. da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
11. PLATON. **Mênon**. Trad. E. Chambry. Paris: Garnier Frère, 1967.
12. _____ . **Protagoras**. Trad. E. Chambry. Paris: Garnier Frère, 1967.
13. _____ . **Gorgias**. Trad. E. Chambry. Paris: Garnier Frère, 1967.
14. REALE, G. **História da Filosofia Antiga**, Vol. II. São Paulo: Loyola, 1994.
15. SANTOS, J. H. **Trabalho e Riqueza na Fenomenologia do Espírito de Hegel**. São Paulo: Loyola, 1993.
16. VAZ, H. C. L. **Escritos de Filosofia III**. São Paulo: Ed. Loyola, 1997.